

Bruno Lehman

O responsável da Egon Zehnder International analisa a polémica sobre as remunerações dos administradores das empresas cotadas e considera que foram dados grandes passos em Portugal, para maior transparência dos processos

A recente polémica sobre as remunerações dos gestores das empresas cotadas em Portugal não surpreendeu Bruno Lehman, *senior partner* da firma de *executive search* Egon Zehnder International. Tudo porque esse tema é "sempre o primeiro a ser discutido em alturas de crise". Para este especialista não há um problema de governação nas cotadas e foram dados passos para reforçar a transparência.

Como viu a recente polémica sobre as remunerações dos gestores das empresas cotadas em Portugal?

O tema das remunerações dos gestores é o primeiro a ser discutido em alturas de crise, quer seja de uma empresa (por exemplo a EON ou os bancos norte-americanos), quer seja económica. Isto não se passa só no nosso país. Estamos a assistir à mesma discussão nos Estados Unidos, na Alemanha, na Suíça e em Inglaterra.

Mas houve políticos portugueses a utilizar termos muito fortes para classificar o nível dessas remunerações, face aos problemas económicos que o país enfrenta.

Os políticos que não estão directamente ligados à economia não deveriam opinar sobre temas dos quais não têm experiência suficiente.

A remuneração dos gestores das empresas cotadas em Portugal é adequada?

A remuneração de um gestor está, na maioria das vezes, ligada ao seu desempenho. Ou deveria estar. Na remuneração total, há uma parte de salário fixo e uma parte variável

(que pode ser anual, ou anual e a médio prazo). Em Portugal, nos últimos anos, os salários dos gestores não têm subido de forma desmedida. A parte variável é que o fez, mas essa está ligada aos objectivos aprovados em conselho, bem como aos montantes decididos e recomendados em comissão de vencimentos. Porém, nalguns casos, essas metas foram definidas de tal forma que levaram a que a remuneração variável tenha atingido valores altos, mesmo acima de um *benchmarking* europeu.

Considera que há um problema de *corporate governance* em Portugal na definição das políticas de remunerações nas empresas, em especial nas cotadas?



BRUNO LEHMAN
"É a lei da oferta e da procura, que se aplica a qualquer bem"

Não acho que haja "um problema" de *corporate governance* em empresas cotadas, pois este tema tem sido tratado por várias instituições (como o Instituto Português de Corporate Governance, o Fórum de Administradores, universidades e empresas de consultoria) e, ao longo dos últimos três anos, foram dados grandes passos para uma maior transparência dos processos.

O ministro Vieira da Silva, questionado sobre esta polémica, afirmou que o seu único comentário era que o desequilíbrio salarial em Portugal lhe parecia um pouco excessivo. Concorda?

Em certos casos, sim.

A que se deve um desequilíbrio tão acentuado? Um artigo recente chegava à conclusão que, olhando apenas para as empresas do PSI-20, um colaborador teria, em média, de trabalhar 18 anos para alcançar o valor do salário médio anual de um administrador executivo.

Uma explicação é a lei da oferta e da procura, que se aplica a gestores, como a qualquer outro "bem". É um mercado como qualquer outro. Gestores com a experiência necessária para assumir certas responsabilidades são cada vez mais procurados a nível europeu. Com a europeização das economias, os nossos clientes falam cada vez mais do perfil da pessoa que necessitam, sem falar na nacionalidade. Exactamente pela lei da oferta e da procura, vai-se procurar a pessoa onde ela estiver. Ao preço que se tiver de pagar.

Acha que também se coloca um problema ético? Ou seja, face à situação do país e de muitas famílias, o nível das remunerações auferidas pelos gestores das empresas cotadas levantam questões éticas?

Infelizmente, a ética tem uma definição que varia de pessoa para pessoa. Temos exemplos de gestores em Portugal, como também no estrangeiro, que colocaram limites de remuneração a si próprios, ou prescindiram de certas componentes, tais como a variável. Para não falar dos gestores que reduziram o seu salário anual a 1 euro (ou dólar)! Mas, essa atitude não é regulável, depende da consciência de cada um. SML